

As “causas” da “rebeldia sem causa”.
Jovens transviados e a perspectiva médico-social no Brasil. (1950-1960)

LÍDIA NOÊMIA SANTOS*

Apresentação do tema

Em vários momentos históricos emblemáticos, grupos de jovens foram reconhecidos por envolverem-se em movimentos de vanguarda na música, literatura, política, luta por cidadania, etc., pois representavam os anseios de sua época para o futuro breve. O ímpeto, a ousadia e o vigor do fim da puberdade dilaceraram regimes autoritários, códigos legais e mesmo guerras sangrentas. Os que viveram sua juventude nas décadas de 1950 e 1960 do século XX não fugiram a regra. Para o senso comum, entretanto, seus feitos não foram nobres ou revolucionários se comparados a juventudes passadas e futuras. Moças e rapazes do Pós Segunda Guerra Mundial nada mais foram que os “rebeldes sem causa” e sua geração notabilizar-se-ia pelo título-síntese de “Juventude Transviada”.

Obviamente, uma determinada geração ficar marcada para posteridade por um título-síntese significa que todos da época pensavam ou se comportavam conforme o estigma. Logo, muitos jovens que viveram os anos de 1950 e 1960 não se comportaram de forma “rebelde” ou “transviada” mesmo para os mais rígidos padrões da época. Ao contrário, muitos viveram sua juventude respeitando os preceitos estabelecidos para si (moças doces e recatadas, rapazes gentis e honrados). Arrisco-me, ainda, a afirmar que alguns dos que foram julgados como desviantes não o foram de fato, ou tiveram apenas “lapsos” de “rebeldia sem causa”. Aceitável, porém, é que se apenas uma minoria infringe as regras de forma mais explícita, o restante também o faz, ora ou outra, veladamente, aderindo à norma ou ao desvio segundo as circunstâncias. Porém, atitudes “inéditas”, “expressivas” ou “singulares” de alguns sujeitos dentro de um contexto social mais amplo podem levar uma geração a ser reconhecida por definições que conformam todos a um padrão de pensamento e comportamento homogêneo. Algo,

* Doutoranda no programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista do CNPQ.

obviamente, impossível em qualquer sociedade. No então, apesar da fragilidade desses títulos sínteses, eles persistem e têm significado. Como historiadora não me cabe comprovar se os jovens eram mesmo transviados ou quantificá-los para dimensionar exatamente o fenômeno no Brasil, mas entender a construção do conceito de transviado na época e as apropriações posteriores. Esse artigo, em particular, centra-se em uma abordagem médico-social sobre o “transviado” e a “rebeldia sem causa”.

No atual estágio do meu trabalho de investigação para tese de doutorado, cujo objeto de estudo são os “transviados” em Fortaleza durante os anos 1950 e 1960, analiso nesse artigo uma obra que busca desvendar o problema da “rebeldia sem causa” no Brasil e os seus condicionantes. Trata-se do livro “*Juventude Transviada. Alguns aspectos da problemática médico-social*” publicado em 1966 pelo professor da universidade do Paraná, catedrático de Medicina Legal (Faculdade de Direito) e de Clínica Psiquiátrica (Faculdade de Medicina), o doutor Napoleão L. Teixeira. Na obra, o autor disserta sobre o que chama de “neuroses” e “psicopatias” das gerações modernas apontando 14 fatores sociais que causam a rebeldia e a criminalidade juvenil. Além do livro citado, uso artigos do mesmo autor publicados na Revista da Faculdade de Direito UFPR entre 1954 e 1968.

Essa análise fará parte do segundo capítulo da tese em desenvolvimento, em que o objetivo principal é analisar os saberes produzidos no Brasil à época sobre o papel social do jovem e o comportamento desviante.

O comportamento juvenil em análise.

Para Eric Hobsbawm, uma das mais importantes revoluções ocorridas no século XX foi a da juventude, haja vista que o jovem passou a ser o centro das sociedades ocidentais (HOBSBAWM, 1995) e novas culturas juvenis motivaram diversas indústrias e comércios para atender anseios e desejos através de produtos e serviços especializados para os jovens.

Alguns autores chegam mesmo a afirmar que a jovem passa existir e ter importância na sociedade ocidental apenas a partir da década de 50 do século XX. Não que os jovens não existissem antes, ou não se tivesse a percepção da diferença entre a

infância, a juventude e a velhice. Entretanto, só nesse período ocorre a construção do jovem como categoria sociológica e a condição juvenil torna-se expressão máxima da cultura de massa ocidental. Segundo o antropólogo italiano Massimo Canevacci, a “escola, mídia e metrópole constituem os eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social” (CANEVACCI, 2005: 22) dos anos de 1950 em diante. Dessa incubadora nascem culturas juvenis que se integram e corroem a sociedade de modo oscilante, mas irreversível. Não é ao acaso que a indústria cultural cada vez mais produzirá seus produtos visando prioritariamente esse público, haja vista que o jovem, segundo o mesmo autor, passa a ser o sujeito que *consume* na sociedade *de consumo*. Como exemplo, podemos citar, especialmente, o seguimento do entretenimento, com o nascimento *rock in roll* na música e a temática da delinqüência juvenil no cinema, que expressam e difundem o novo jeito de “ser jovem”.

O hiato entre o fim da infância e a entrada no mercado de trabalho é um intervalo temporal privilegiado para o exercício invejado da danação, do hedonismo, do relaxamento, da irresponsabilidade. Enquanto o adulto assume o ônus da produção, o jovem consome prazer e superficialidade. Deleite que trás ressentimentos e preocupações para seu controle. A magnitude dessa experiência nova de “ser jovem” provocou uma verdadeira ruptura comportamental, assim como tentativas de freá-la. Porém ao som do *rock* gritado e movimentos frenéticos do corpo, a juventude de outrora contestou a autoridade familiar, a sexualidade, a moda e outros padrões de conduta consolidados. “Se não estávamos vivendo uma revolução estrutural mediante a transformação política do Estado (e isso é verdade), era inegável a mudança de hábitos, costumes e comportamentos.” (CALDAS, 2008: 43)

Além de produtos, porém, construírem-se saberes sobre e para a juventude ao longo do último século. Através das páginas da imprensa do Segundo Pós-Guerra é possível concluir que a presença do jovem e seus novos comportamentos tornaram-se pauta de discussão nas mais diversas esferas sociais (ABRAMO, 1997).. A própria Imprensa, a Igreja, a Justiça, a Polícia e as Ciências Humanas e da Saúde são algumas dos espaços fomentadores do debate acerca da juventude e seus males produzindo uma série de discursos ora conflitantes, ora não.

A idade biológica, porém, por si só, não define o pensamento e a ação de um indivíduo. Questões psicológicas, sociais, de classe, de gênero, de cultura etc. são

também determinantes. No início do século XX, a invenção do conceito de “adolescente” pela Psicologia Social foi uma tentativa de expressar essa combinação entre as influências biológicas e culturais no caráter dos indivíduos saídos da infância. Em tese, ao passar por essa fase da vida humana todos sofrem uma série de mudanças físicas (internas e externas) que provocam mudanças de personalidade. Tornando-se mais inconstante o humor, a concentração, a moral, etc.

(...) determinadas mudanças hormonais, glandulares, corporais e físicas pertencentes a essa fase seriam responsáveis por algumas características psicológico-existenciais próprias do adolescente. Tais características passam a ser percebidas como uma essência, em que ‘qualidades’ e ‘defeitos’ como rebeldia, desinteresse, crise, instabilidade afetiva (...). (COIMBRA, BOCCO E NASCIMENTO 2005: 2-11)

Essa visão biológica, construída e tornada verdade num dado momento histórico, é ainda bastante aceita na sociedade como explicação para o comportamento “estranho” de quem está na fase da adolescência ou é muito jovem.

Na imprensa e na literatura dos anos 50 e 60, encontram-se referências a perturbações psicológicas, pelas quais os jovens, supostamente, passam por viverem uma época em que experimentavam a segurança do anonimato na multidão das cidades e o contato com “culturas” (leia-se americana) diferentes através dos meios de comunicação de massa, assim como explicações sobre o que era adolescência e como lidar com suas excentricidades. Ao surgir um modo de “ser jovem”, ou mesmo de “ser juventude transviada” que garantia uma identidade própria a indivíduos e pequenos grupos juvenis, até mesmo os arroubos de violência apareciam como uma expressão de reação as fragilidades psicológicas promovidas pelo esfacelamento das relações sociais na modernidade. Ressalta-se aqui, que o “transvio” juvenil que mais incomoda nesse momento é o promovido por jovens abastados. Ainda que os menores abandonados e os jovens com carências materiais também fossem alvo de preocupação, porém já conhecidos na sua violência e na suspeita da fragilidade de caráter que o ambiente inadequado de convivência social lhe propiciaria. Nesse contexto, de nascimento e preocupação com a juventude, o livro “*Juventude Transviada Alguns aspectos da problemática médico-social*” foi escrito.

Dedicado a um público leitor amplo e aos pais angustiados e temerosos que seus filhos sucumbam à rebeldia e a criminalidade, a obra, possivelmente, não teve repercussão nas universidades. Apesar dessas características, o trabalho de Napoleão L. Teixeira é fonte importante para os estudos da juventude nos anos de 1950 e 1960 por ser inédito em trabalhos acadêmicos sobre o tema. Afora que o livro reúne uma interessante mistura de resquícios da teoria criminal inaugurada por Cesare Lombroso no século XIX, o pensamento moral mais conservador da época e uma análise médica sobre os danos da modernidade no equilíbrio psicológico dos jovens.

Segundo as credenciais apresentadas na orelha e no interior do livro, Napoleão L. Teixeira dedica-se a uma variedade de temas da Medicina Psiquiátrica e publicava trabalhos sobre Alcoolismo, Psicoses de Guerra, Amnésia Pós-Traumáticas, Doenças Mentais, Suicídio, além de Loucura e Genialidade. Alguns dos livros já se encontravam esgotados, sendo o título mais comercial “*Conselhos a um nervoso*”. Portanto, o autor era um médico influente e reconhecido pelo público interessado na literatura médica-jurídica e pelo meio acadêmico, uma vez que foi um dos fundadores da Medicina Forense no Brasil. Talvez essa versatilidade temática (já havia escrito sobre menores em 1954 e 1962) e a experiência docente tenham-no motivado a escrever um livro curto (apenas 83 páginas) de título impactante e que tratava de um tema polêmico e atual.

Sem bibliografia, o texto, em geral, é simplista e confuso, pois Napoleão L. Teixeira se utiliza principalmente da grande Imprensa e da observação pessoal para citar episódios que exemplificam o problema do transvivo. As conclusões e análises também são apressadas e não respaldadas por pesquisas clínicas ou mesmo citações da literatura médica e jurídica. Entretanto, o livro se apresenta como mais um esforço de um especialista em resolver um dos mais graves problemas que acometiam a sociedade brasileira à época. Vejamos a motivação da escrita do livro, encontrada no prefácio:

Aumentam, de maneira impressionante, as psicoses. Multiplicam-se, em ritmo assustador, as neuroses. (...) Os psiquiatras são lenhadores desesperados a abaterem árvores, numa floresta em chamas, tentando circunscrever o incêndio. Mal derribam uma e o fogo, devastador, já lhes passou à frente.

Médicos, psicólogos, educadores lutam, incansavelmente, visando a dar o remédio a um mundo enfêrmo, a mais e mais cheio de problemas sociais, sem que consigam de todo.

Entre eles o da delinqüência menoril, sem dúvida dos mais graves, pois diz respeito à juventude, aos adultos de amanhã. (TEIXEIRA, 1966: 7)

Como assina o próprio prefácio, o autor além da relevância do problema, também já deixa claro que caberia ao leitor julgar se obteve sucesso na sua análise sobre as causas da rebeldia e delinqüência juvenil, demonstrando poucas pretensões com a análise. Por tanto, “*Juventude Transviada. Alguns aspectos da problemática médico-social*”, apesar do título forte, não é o resultado de uma pesquisa, muito menos é de uma tese científica.

Napoleão L. Teixeira inicia sua abordagem com dados sobre a freqüência da criminalidade juvenil em todo mundo, trazendo informações e exemplos da Alemanha Ocidental, França, Israel, Polônia, Estados Unidos, Rússia e Brasil.

A presença da Polônia e Rússia indica que para o autor, o problema da delinqüência juvenil crescia tanto nos Países do lado ocidental capitalista quanto nos do bloco socialista nas “mesmas proporções assustadoras”. (TEIXEIRA, 1966: 8) A leitura do texto também sugere que o autor fosse simpatizante do socialismo soviético, uma vez que a define como a “maior experiência social da História”. (TEIXEIRA, 1966: 12) Por ignorar as diferenças nos modelos de sistema econômico para explicar a delinqüência juvenil, supõe que vivência da guerra nos países europeus tenha contribuído para um “compreensível” desajuste sócio-psicológico entre os jovens. Segundo o autor, a violência permitida pelos uniformes militares abalou a sensibilidade humana para o sofrimento alheio. A destruição e a miséria provocadas pela guerra invertiam os valores morais e éticos ao ponto de atos extremos (como matar e roubar). No estado de exceção, tornaram-se heroísmo.

Por essa lógica explicativa, os países que vivenciaram em seus territórios os conflitos armados, após o cessar fogo, estariam mais vulneráveis a sofrer o problema da criminalidade e da delinqüência juvenil, algo que o próprio autor demonstra não ser necessariamente uma verdade, haja vista que a delinqüência juvenil nos EUA, segundo ele, é a mais expressiva e crescente (TEIXEIRA, 1966: 18-19, 23). Vale lembrar, que o livro tem como centro de análise o Brasil, contradizendo também a hipótese inicial. Os dados e exemplos dos países estrangeiros servem apenas pra reforçar a gravidade do problema e a necessidade de intervenções mais drásticas por parte das instituições brasileiras, especialmente a Família e a Justiça, a fim de que o fenômeno se agravasse ainda mais. Jovens desajustados e transgressores poderiam multiplicar-se como em outros lugares e se tornaria mais difícil a prevenção, o controle e a punição da rebeldia

juvenil que leva delitos e crimes num país de dimensões e carências inúmeras como o Brasil (TEIXEIRA, 1966: 19-20). As estatísticas brasileiras, segundo o autor, são insuficientes e obsoletas. Apesar disso, ele se utiliza dos trabalhos do jurista Nelson Hungria, do juiz Tarso Vieira de Farias e do desembargador Alberto Mourão Russel (mas não fornece referências completas) e informações dos Juizados de Menores de São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre para garantir o crescimento nos registros de crimes e delitos praticados por menores e jovens.

Inicialmente, o autor aponta que a maioria dos autuados em ações de violência são oriundos de famílias pobres ou são menores abandonados, pois “vivendo em tugúrios infectos, engendrado em ventres famélicos, com sinistra colaboração do álcool, da sífilis, da tara hereditária; recebendo pancada, ao invés de carinho e, em lugar do mais elementar conforto, só conhecendo a insuficiência, se não a carência de pão” (TEIXEIRA, 1966: 16) revoltam-se contra a família e a sociedade. Para reforçar a hipótese da hereditariedade da delinquência e o ambiente propício da pobreza a formação do delinquente juvenil cita na argumentação o jurista Nelson Hungria, especialista em direito penal brasileiro. Entretanto, no artigo “Delinquência de menores”, publicado em 1954, na *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*, o autor demonstra conhecer bem os teóricos da sociologia criminal. Possivelmente, tais teóricos foram suprimidos do livro em questão, por não se direcionar ao público especialista, mas ao leitor comum. No artigo, o autor demonstra simpatia pelas idéias do *criminoso nato* desenvolvidas por Cesare Lombroso, que são complementadas pelo debate com Herbert Spencer e a tese do *princípio do selvagem* (a criança é vista como um ser selvagem e, portanto propensa a imprevisibilidade e a crueldade); a *freudiana* e a potencialidade da criança para o crime; e a do “*pequeno bruto*” (em que Denis Diderot afirma que se a criança seguir sua própria vontade torce o pescoço do pai e deitar-se-ia com a própria mãe). Porém a tese do *contrato social* de Rousseau (onde a sociedade é culpada pela degeneração moral criança nascida boa) já demonstra que o autor também considerava o social, e mesmo a cultura, como elemento importante no entendimento da delinquência juvenil. Além de citar o trabalho de médicos que se dedicavam a pisque do criminoso e do delinquente como Jean Laboucarié¹ e Alexandre Lacassagne², ambos

¹ Médico Francês, especialista em Psiquiatria que defendia que o comportamento criminoso em menores é uma reação exclusivamente social.

contrários as teses de Cesare Lombroso. Ao final, o autor conclui que a delinquência juvenil pode ter como causa quatro grupos de fatores: os hereditários, os pessoais, os patológicos e os sociais (TEIXEIRA, 1954: 332-339).

No livro *Juventude Transviada*, doze anos depois, o autor destaca como os principais fatores da rebeldia e da delinquência juvenil a vivência do espaço urbano, a falta de autoridade familiar e ao consumo de produtos midiáticos que difundiriam valores e comportamentos transgressores.

Na época, o Brasil vivenciava o período da redemocratização política e da retomada da sua industrialização. O consumo de novos produtos era restrito a poucos, ainda que houvesse um lento, mas contínuo aumento das oportunidades de emprego, da escolarização e da infra-estrutura urbana, sobretudo nas capitais. Apesar disso, os jovens de elite e de classe média é que, de fato, podiam mais facilmente ter acesso a oferta de bens, serviços e informações difundidas pela indústria cultural. Apesar de o autor afirmar que os jovens de origem pobre são os que mais cometem crimes, percebe-se na leitura do livro que o que angustiava a sociedade da época e, por conseguinte, o autor, é a *rebeldia* e o *transvio* dos chamados “filhinhos de papai”, portanto, daqueles que não se esperava tornarem-se delinquentes (TEIXEIRA, 1966: 40). Por isso, talvez, oito, das 14 causas apontadas pelo autor, estão diretamente relacionadas ao modelo de vida burguês mais propagado no período (o *american way of life*) e ou consumo de um “má” informação disponível em livros, periodismo, rádio e cinema pra massas. As outras causas seriam: pauperismo - miséria, fome-, urbanismo, *fatôres* profissionais, toxicomanias, a roleta paulista, irreligiosidade, carência de idéias e, especialmente, *fatôres* familiares.

Logo, é possível supor, também, que os fatores hereditários e patológicos, elencados pelo autor em 1954, não se façam presente no livro *Juventude Transviada*, exatamente porque não têm significado para o entendimento dos filhos de família abastada que se *transviam* do seu caminho natural. Ou seja, era preciso, nesse momento, encontrar novas causas para a rebeldia e a delinquência juvenil. Objeto freqüente de estudos desde a Escola de Chicago e que volta a ser debate no segundo pós-guerra (ROBERT, 2010: 100-140), os bandos e gangues juvenis e suas ações de

² Professor da faculdade medicina de Lyon e um dos fundadores da antropologia criminal, apesar de seguidor de Cesare Lombroso, se opunha a tese de que haveria o criminoso nato.

violência voltam ao centro das atenções não porque são mais cruéis ou em maior número, mas porque os jovens envolvidos já não partem somente das camadas sociais mais abastadas. Como diz no início do artigo de 1954, é melhor trocar a designação “menores delinquentes” por “menores transviados” porque ela é mais adequada aos novos tempos e está em “conformidade com congressos, nacionais e estrangeiros, que se dedicaram ao estudo” (TEIXEIRA, 1954: 327).

Em 1954, Napoleão Teixeira também falava do jovem filho das famílias ricas que comete delitos e crimes, porém à época o fenômeno ainda não tinha a repercussão e mesmo a definição de “transviado” publicizada, como em 1966, no ano de lançamento do livro. De todo modo, o autor já alertava para “debilidade da mente adolescente” frente ao “veneno mental” que é difundido pelos meios de comunicação de massa. No caso em particular, refere-se às histórias em quadrinhos e as *comics*.

Contou, não faz muito, Queiroz Filho, professor paulista de Direito Penal, sugestivo fato, de um jovem de boa família paulistana, que levou a efeito diversos crimes. Descoberto, encontraram-se, debaixo do seu colchão, exemplares de conhecida fôlha sensacionalista "amarela", na qual, como de hábito, vinham narrados, com riqueza de fotografias sugestivas, crimes executados pelos campeões locais do delito. Pois os crimes praticados por êsse jovem se assemelhavam, nos seus mínimos detalhes, com fidelidade verdadeiramente fotográfica, aos daqueles "mestres". (...) Referindo-se a essa imprensa criminosa, disse Queiroz Filho 'ser outro crime que continua impune', por isso que "se ajusta à linha de corrupção de nossa época, quando mercadores de lama não hesitam em levar a sujeira às próprias fontes de renovação humana, ao coração das crianças, às almas indefesas". E disse muito bem! (TEIXEIRA, 1954: p. 336).

Pergunto-me se essa mudança na denominação de “delinquentes” para “transviados” foi necessária para adequar-se aos novos criminosos e também porque o delinquentes merece ser punido, mas o *transviado* pode ser resgatado, afinal só se desviou do caminho. Pergunto-me também, se já que não se poderia mais culpar a pobreza, o abandono, a hereditariedade comprometida e a ausência de educação pela rebeldia e a delinquência juvenil entre os jovens ricos, encontra-se no outro novo dá época (a ampliação dos meios de comunicação de massa, as mudanças na família nuclear e na escola) as causas para tanto. Logo, é nesse contexto, que as interpretações biológicas, perdem paulatinamente espaço para as interpretações sociais e culturais na compreensão do crime e do delito, porque os sujeitos se alteraram.

Conclusão

As teorias médicos-sociais do Dr. Napoleão L. Teixeira indicam que era patologia social todo o comportamento juvenil que fugisse ao esperado de um jovem “bem nascido e bem criado”. Sendo imputando ao mesmo jovem, a incapacidade de discernimento e apreciação dos novos valores difundidos pelos meios de comunicação de massa, e, majoritariamente, provenientes dos EUA. Por isso, era importante que a família, a escola e mesmo o estado proibissem o contato dos jovens com essas informações, a fim de garantir sua saúde psíquica e moral.

Observa-se ainda, que o livro *Juventude Transviada*, assim como filme de mesmo título e tantos outros produtos e saberes sobre os jovens na época contribuíram para a consolidação do conceito de adolescente e a construção do conceito de *transviado* na Pós-Segunda Guerra Mundial no Brasil.

Fontes

TEIXEIRA, Napoleão L. “A mulher e o crime”. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. Vol 1. Nº 0, 1953.

_____. “Delinqüência de menores”. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. Vol 15. Nº 0, 1954.

_____. *Juventude Transviada*. Alguns aspectos da problemática médico-social. Limeira, 1966.

_____. “Papel da má literatura dos ‘comics’ norte-americanos sobre: o psiquismo das crianças e dos adolescentes”. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. Vol 9. Nº 0, 1961.

_____. Televisão - problema médico-social de relevo. In: *Revista da Faculdade de Direito da UFRP*. Vol 11. Nº 0, 1968.

Bibliografia

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: nº 5/6, 1997, p. 25-36.

BECKER, Howard. *Outsiders*. Estudos de Sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BECKER, Howard. *A escola de Chicago*. Mana (online) vol.2, n.2. 1996.

CALDAS, Valdenyr. *A cultura da juventude*. De 1950 a 1970. São Paulo: Musa editora, 2008.

- CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas*. Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- CARDOSO, Ruth e SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CATANI, Afrânio Mendes e GILLIOLI, Renato de Sousa Porto. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CORDEIRO, Denise. *Juventude nas sombras*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009
- COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. “Subvertendo o conceito de adolescência.” In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, 2005.
- HOBBSAWM. Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX (1914-1991). 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventude*. Ensaios sobre a juventude e históricas das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Diffel, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1998.
- ROBERT, Philippe. *Sociologia do Crime*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SANTOS, Lidia Noêmia. *Brotinhos e seus problemas*. Juventude e gênero na Imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
- FOOTE-WHITE, W. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.